

NA NASCENTE DAS IDEIAS DO DISCURSO, DA GRAMÁTICA
FUNCIONAL COMUNICATIVA – OBRAS MISSIONÁRIAS
(J. DE ANCHIETA, L. FIGUEIRA, T. ESTÊVÃO) E DE B. PEREIRA

AT THE RISE OF DISCOURSE AND FUNCTIONAL GRAMMAR
STUDIES: MISSIONARY GRAMMARS
(J. DE ANCHIETA, L. FIGUEIRA, T. ESTÊVÃO) AND B. PEREIRA

Marina A. Kossarik

Universidade Estatal Lomonosov de Moscou

olissipo@yandex.ru

RESUMO:

Nas gramáticas dos séculos XVI e XVII criadas com os fins de ensinar a falar nas reais situações de comunicação achamos os primeiros sinais de atenção à problemática do discurso, que antecipam algumas noções expostas em gramáticas funcionais só nos fins do século XX e o início do século XXI, combinando a atenção à sintaxe (ao nível da oração e, saído do limite da oração isolada, ao diálogo), à semântica e a pragmática. Anchieta, Figueira, Estêvão e Pereira prestam atenção aos meios de organizar o discurso dialogal, meios de expressividade, marcadores que mostram a atitude para com o interlocutor ou para com o tema de comunicação, meios de características sociais dos participantes da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: história da linguística, historiografia linguística, gramáticas missionárias, discurso, gramática funcional, linguodidáctica.

ABSTRACT:

Those of the XVI-XVII century grammars that were meant for teaching language for communication purposes pay attention to discourse phenomena and, in a way, anticipate some of the crucial ideas that appeared in the XX-XXI c. functional grammars. They focus on syntax, semantics, pragmatics, going beyond the level of separate sentence onto the principles of building dialogue. Anchieta, Figueira, Estêvão and Pereira write on coherence, expressivity of speech, discourse markers, phatic and allocutive elements.

KEYWORDS: history of linguistics, linguistic historiography, missionary grammars, discourse studies, functional grammar studies, language teaching.

Introdução

As gramáticas de línguas “exóticas”¹ chamam a atenção de investigadores já há muitas décadas². São analisadas de vários pontos de vista: da fonética, fonologia e ortografia, da morfologia e da sintaxe (cf. ZWARTJES, JAMES, RIDRUEJO, 2007; ZWARTJES, HOVDHAUGEN, 2004; ZWARTJES, ALTMAN, 2005). A prestação da linguística missionária está altamente estimada pelos historiógrafos, que apreciam a sua contribuição ao desenvolvimento da gramática universal (parece que daqui vem o interesse pela procura da correlação de gramáticas missionárias com o cânone gramatical antigo) e da consolidação da tipologia linguística. Mas não é nada menos interessante mais um enfoque de obras missionárias cujos autores parecem estar na nascente da problemática do discurso, da gramática funcional, gramática comunicativa³. Este aspecto, por enquanto, chamou a atenção de poucos pesquisadores, o que comenta O. Zwartjes.

Stylistic and pragmatic aspects. Important studies appeared that are related to the phenomenon of topicalisation in Philippine and Chamorro languages (Ridruejo 2007b, Winkler 2007, respectively). Winkler sees these descriptions as “functional grammar” *avant la letter* <...> we can add another category, the study of discourse markers in missionary grammars, which has not been the specific topic of any publications, with the one exception of Hernández Sacristán (2000), who analysed discourse markers in Nahuatl (ZWARTJES, 2012, p. 203).

Esta problemática, com base das gramáticas missionárias de autores portugueses, foi tratada também pela autora deste artigo (KOSSARIK, 2001, p. 305-311; KOSSARIK, 2003, p. 137-143), mas o tema merece, sem dúvida alguma, um estudo especial.

Os missionários, e portugueses entre outros (ANCHIETA, 1595; FIGUEIRA, 1621; ESTÊVÃO, 1640), nas suas gramáticas de tupi e canarim, ou concani,

¹ O objetivo deste artigo é analisar o lugar de gramáticas missionárias na história do pensamento linguístico. Não se toca no artigo a questão de como os autores das gramáticas refletem as particularidades das línguas descritas.

² A bibliografia dedicada à linguística missionária é tão ampla que não é possível dar, num pequeno artigo, uma lista mais ou menos completa de investigações dedicadas a vários aspectos.

³ Neste artigo não se analisam às questões da correlação do discurso, da gramática funcional, gramática comunicativa, as quais não podiam tocar-se pelos autores dos séculos XVI e XVII. O artigo só demonstra como a problemática está refletida em alguns tipos de gramáticas da época.

não só contribuíram imenso à formação das ideias da gramática universal e tipologia, eles estão na nascente da linguística funcional, da gramática comunicativa. Uma das palavras-chave nesta apreciação é, junto com a problemática da língua universal, o conceito da funcionalidade, relacionada com o ensino da língua viva com o objetivo da comunicação exitosa nas situações comunicativas reais mais variadas. Às gramáticas missionárias aproxima-se neste aspecto a primeira gramática do português como língua estrangeira (PEREIRA, 1672).

É evidente que encarando assuntos básicos da problemática indicada os autores da época tocam estas questões a nível empírico, claro que não se trata de seu estudo teórico. Contudo, os autores das descrições de línguas exóticas conseguiram abordar tópicos fundamentais do tema.

1. Formação de novos objetivos da descrição gramatical

Embora algumas questões do discurso, da pragmática já estejam presentes na tradição clássica grega (Apolônio Díscolo) e no cânone gramatical latino (na descrição de partes do discurso – classificação de advérbios e interjeições), posteriormente o interesse pela problemática comunicativa foi perdida para muitos séculos. Nas descrições renascentistas de vernáculos, do latim, do hebraico se resolviam muitos outros problemas, que determinaram o significado da época de pre-Port-Royale como um dos pontos-chave da consolidação da linguística como ciência madura (КОСАРИК, 1995; KOSSARIK, 2002a, p. 60-63; KOSSARIK, 2002b; KOSSARIK, 2003, p. 165-169; KOSSARIK, 2016).

A temática funcional comunicativa não era objeto de observação especial até aparecerem gramáticas missionárias. Salientemos o facto de que esta inovação da linguística dos séculos XVI e XVII só aparece nas obras de um certo tipo – nas gramáticas destinadas a ensinar uma língua estrangeira com os fins práticos. Em primeiro lugar são as gramáticas missionárias, o seu carácter pedagógico sublinha C. Altman (ALTMAN, 2011, p. 209-210; ALTMAN, 1997, p. 156). Entre os autores portugueses são Figueira e Estêvão que prestam a maior atenção a vários aspectos do discurso, Anchieta também toca o tema, bem como B. Pereira na gramática de português de um novo tipo.

O aparecimento da temática funcional nestes monumentos é absolutamente natural: é determinado pelos fins destas obras, independentemente da língua que se descreve. Embora os autores da época não levantassem a tarefa de estudar aspectos teóricos do discurso, que chegaria a ser atual só na linguística do século XX, as gramáticas de tupi, canarim e de português como língua estrangeira dos seicentos e setecentos são as primeiras, na tradição portuguesa, descrições

linguísticas criadas especialmente para ensinar a comunicação exitosa, em língua estrangeira viva.

Notemos que não se sente uma peculiar atenção ao aspeto comunicativo funcional nas primeiras gramáticas portuguesas. Oliveira não toca estes temas (OLIVEIRA, 1536). Na gramática de Barros, dentro da tradicional classificação de advérbios, achamos os advérbios de *afirmár, negár, duvidár, demonstrár, chamár, desejár, ordenár, preguntár, iurár, acabár*, que o autor ilustra com um número mínimo de exemplos (BARROS, 1540, p. 28 v-29), o que, como veremos em baixo, difere muito a segunda gramática portuguesa da gramática de B. Pereira. E isso é bem compreensível: nas obras, criadas com os fins da codificação e apologia do vernáculo, dirigidas, predominantemente aos falantes nativos, que dominam os meios pragmáticos da língua materna, a exposição destas é excessiva.

As descrições do latim também não exigiam a resolução dos problemas do discurso. Apesar de o latim servir, durante muitos séculos, como meio de comunicação, inclusive a comunicação oral (nas esferas religiosa e teológica, nas comunidades jurídica, médica, científica), esta comunicação se realizava em situações intrínsecas. Certos rasgos particulares diferem tal comunicação da maior parte de situações comunicativas: o limitado conteúdo temático da fala; limitada camada social de comunicantes; um carácter específico de meios linguísticos usados nesta comunicação, que se aprendem no decurso do estudo do latim e dos textos correspondentes com os fins puramente profissionais especialmente para ser usadas nestas situações comunicativamente limitadas; a fala, rigorosamente regulamentada e cheia de clichês estereotipados, cuja espontaneidade é muito menor do que em outras situações comunicativas. Os próprios autores de gramáticas latinas da época já concebem que o latim deixou de ser um meio da comunicação real integralizada, o que demonstra a análise de R. Ponce de León Romeo, C. Assunção e G. Fernandes.

a arte mais he pera o entendimêto do Latim que se acha nos bõs authores, que não pera o escrever, nem fallar (SÁNCHEZ, 2008, 6 r.). O que importa mais he entêdello, & escrevello per imitação, como fizeram homens doctissimos de nossos tempos, ã nunca, ou de maravilha o fallavão (SÁNCHEZ, 2008, 7 v.) Pedro Sánchez parece não considerar o Latim como uma língua franca, de comunicação internacional, mas apenas uma língua cultural, que podia ser entendida para transmitir os valores filosóficos, históricos, artísticos (PONCE DE LEÓN, ASSUNÇÃO, FERNANDES, 2008, XVII-XVIII).

A fala na língua viva, materna ou estrangeira, se realiza em outros tipos de situações comunicativas, bem diferentes. Porém esta temática, como já foi dito,

ainda não chama atenção dos autores das gramáticas do vernáculo. Mas ela fica muito importante para as gramáticas de língua estrangeira, criadas para os que devem aprender a falar o idioma estrangeiro. Os missionários, que precisam comunicar de maneira adequada com o rebanho novo, são os primeiros quem deve resolver este problema, atendendo às questões do discurso. Os autores das gramáticas missionárias destinam as suas obras aos colegas que devem saber falar em língua descrita, inclusive o domínio da linguagem da comunicação cotidiana, conseguindo a interlocução exitosa num espectro mais amplo de situações reais. Tais competências pressupunham o conhecimento não só do sistema linguístico (fonética, gramática, léxico), mas também de todo um conjunto de meios comunicativos. Deste modo é muito lógico que os missionários prestam a maior atenção às questões do discurso. O objetivo das suas descrições difere radicalmente tanto das gramáticas que fixam a norma do vernáculo e se destinam ao falante nativo, como das gramáticas escolares latinas. Os missionários resolvem o problema duplo: a apresentação do sistema gramatical ainda não basta para assegurar as condições da comunicação exitosa, as descrições devem expor várias possibilidades funcionais do sistema na linguagem real – daqui vem a atenção às questões de pragmática, aos meios discursivos.

As especificidades de gramáticas missionárias são determinadas pelo contexto sociolinguístico e sociocultural da época: pelas Descobertas marítimas e ligadas às Descobertas colonização de terras e evangelização de povos novos para os europeus. Os múltiplos contactos polifacéticos levam a uma enorme ampliação do objeto da descrição – multidão de novas línguas, o que fomenta o desenvolvimento das ideias da língua universal, e impulsionam a formação de um novo objetivo da descrição gramatical – assegurar a capacidade da comunicação, o que leva à engendração de ideias da gramática funcional.

A séria preparação de missionários, de jesuítas entre outros (o conhecimento da tradição gramatical latina, da lógica e provável conhecimento de obras linguísticas renascentistas), cria a base linguística para a descrição de línguas mais variadas com base do cânone antigo, partindo das ideias da gramática universal. (Cf. ROSA, 1997, p. 128: “Com o treinamento prévio em gramática latina o missionário tinha em mãos o instrumental para acompanhar a análise da nova língua”). Na tradição portuguesa esta experiência já é recebida no decurso da descrição, com base do cânone antigo, do vernáculo e do hebraico (TAVORA, 1566), enquanto a descrição de meios discursivos, característicos da modalidade oral, é um desafio novo para os autores missionários, bem como para B. Pereira, sendo atual a problemática funcional nesta gramática de um novo tipo que só começa a traçar-se na época estudada.

É nestes monumentos, principalmente nas gramáticas missionárias, que vemos uma atenção, extraordinária para esse período, à problemática do discurso – já não se limita pela classificação de advérbios, típica das gramáticas latinas e vernaculares que seguem o cânone antigo.

2. Modificações do cânone gramatical

Nas gramáticas missionárias há sensíveis modificações do cânone gramatical. Os câmbios do cânone têm várias causas⁴. Antes de mais nada, as alterações estão relacionadas com a substituição do próprio objeto da descrição gramatical – assim, todas as gramáticas da época que não sejam as do latim transformam o cânone gramatical dependendo das características particulares das línguas concretas descritas, por exemplo, apresentando o caso nominal, o tempo, o modo ou a voz verbais como categorias gramaticais (morfológicas) ou universais. Em grande medida o carácter da descrição depende do destinatário da gramática (se a língua descrita é materna ou estrangeira para o destinatário; se o destinatário é principiante ou linguisticamente preparado). E, finalmente, são significativas para as modificações do cânone os objetivos da descrição gramatical⁵. É claro que a ampliação de finalidades da descrição gramatical, o surgimento de novos propósitos das gramáticas missionárias provoca modificações do cânone: é a necessidade de apresentar os meios que servem para assegurar a comunicação exitosa, a par da resolução da tarefa tradicional da gramática – expor o sistema da língua, pormenorizando o seu funcionamento em realização de várias formas e construções para construir a oração. Como testemunha a gramática do português para estrangeiros, esta tarefa também fica atual para línguas europeias.

⁴ São estas características que determinam algumas importantes peculiaridades que diferem as gramáticas de Oliveira, Barros, B. Pereira, Sousa (SOUSA, 1535), Álvares (ÁLVARES, 1572), Roboredo (ROBOREDO, 1619; ROBOREDO, 1625), F. Pereira (PEREIRA, 1643), Távora, Anchieta, Figueira, Estêvão.

⁵ Por exemplo, são bem sensíveis as diferenças entre várias gramáticas da língua nacional: Oliveira modifica muito o cânone gramatical na obra escrita com os fins de fixar minuciosamente as formas da língua materna, enquanto Barros, criando a gramática para comprovar a proximidade do português ao latim, segue rigorosamente o cânone. Estas atitudes diferentes, relacionadas com distintas posições na apologia do vernáculo, determinam divergências dos fins das descrições, refletem a engendração de dois tipos de gramáticas, particulares e universais (KOSSARIK, 2002a, p. 32-36; KOSSARIK, 2002b, p.192-194; KOSSARIK, 2003, p. 121-128; KOSSARIK, 2016; КОСАРИК, 2013a e 2013b). As descrições do latim também variam bastante, dependendo dos fins e dos destinatários das gramáticas (escolares ou teóricas).

As descrições missionárias estão no âmbito das gramáticas universais: sem descrição que se realiza partindo do significado à forma não seria possível apresentar línguas exóticas com base do cânone antigo. Isso aproxima as gramáticas missionárias com as obras de Barros, Roboredo, F. Pereira, Távora. Porém, não menos importante fica um novo princípio, e é nas gramáticas missionárias que se esboça – é o princípio de gramáticas funcionais comunicativas. Mas estes dois princípios não parecem opostos. O universalismo se revela não só na descrição do sistema gramatical (das partes do discurso e das suas categorias), mas também na demonstração do funcionamento do sistema na fala. A análise dos monumentos da linguística missionária possibilita ver como nas gramáticas missionárias criadas com o objetivo de ensinar a comunicação real se formam rasgos da gramática funcional. Isso determina transformações do cânone: as gramáticas missionárias analisadas não são esquemáticas exposições formalizadas e rigorosamente estruturadas, dos níveis da língua, das partes do discurso e das suas categorias como o objeto central (e único) da descrição. Partindo dos fins comunicativos, elas apresentam, além dos meios de exprimir significados propriamente gramaticais, meios comunicativos, discursivos, que não resultam diretamente da descrição do sistema gramatical. É o universalismo – a necessidade da descrição que parte da semântica e das funções universais para as formas e construções da língua concreta – que incentivou os autores das gramáticas missionárias a revelar e expor meios discursivos nas línguas que desreviam.

Tudo isso influencia a estrutura das gramáticas missionárias⁶. Os autores portugueses destacam grupos de palavras que têm funções discursivas (Cf. ZWARTJES, 2002, p. 51) e mostram peculiaridades do uso delas em várias partes das gramáticas.

Figueira expõe a problemática pragmático-discursiva numa parte da sua obra. Achemos nela um bloco de partes do discurso, no qual estão incluídos advérbios, interjeições, conjunções. O autor apresenta-o predominantemente do ponto de vista da pragmática. A modificação do cânone se revela na classificação de advérbios. Depois de descrever detalhadamente “Adverbios de tempo” e “Adverbios de lugar”, que “respondem a perguntas” (FIGUEIRA, 1621, p. 69-72) o gramático distingue o grupo “De outros adverbios absolutos, que não respondem a perguntas”: “Interrogativos, Affirmativos, Negativos,

⁶ Neste artigo são analisadas só modificações do cânone ligadas ao interesse dos seus autores pela temática comunicativa funcional, por esta razão não se tocam múltiplas transformações da estrutura da gramática na obra de Anchieta.

Demonstrativos, Incitativos, Prohibitivos, Permissivos, Louvativos” e nota que “Algũas conjunções tambem se põe adverbialmente”; logo vêm as listas delas (FIGUEIRA, 1621, p. 72-74). Chama a atenção que a classificação de advérbios e o destacamento do grupo específico de “outros advérbios absolutos” está baseado na sua possibilidade / impossibilidade de responderem a perguntas. Isso testemunha que o autor setecentista distingue o carácter nominativo (a referência à realidade extralinguística) e pragmático-discursivo de várias classes de advérbios. É também importante que, na classificação, Figueira parte do ponto de vista funcional, quando escreve do uso de uma parte do discurso (conjunção) na função de outra (advérbio). Figueira também destaca “algũas dições, que sos per si naõ significão; mas juntas a outras partes da oraçãõ, lhe daõ sentido differente”; o gramático dá múltiplas expressões, exemplifica o seu uso da fala, dando às vezes réplicas dialogais inteiras (FIGUEIRA, 1621, p. 74 v-80). Como vemos, Figueira, formalmente seguindo a classificação tradicional das partes do discurso, modifica sensivelmente o cânone gramatical.

Na gramática de Estêvão não há uma seção especial dedicada às questões do discurso – o autor presta-lhes atenção em várias partes da sua obra. Descrevendo a declinação nominal, o Vocativo, o gramático alude partículas / interjeições⁷ vocativas (antecipando a apresentação da interjeição como parte do discurso) e comenta peculiaridades do seu funcionamento na fala. Interessa o comentário ao paradigma do imperativo: o gramático conscientemente inclui na descrição do imperativo a forma, que, não sendo propriamente imperativa, é similar com ele no significado e no uso – mais um exemplo da prevalência do princípio funcional que leva à transformações do cânone gramatical.

Quando se falla mandando com persuasão & rogos usaõ do futuro em, dus, em lugar de imperativo <...> isto be vejo ã naõ he propriamente imperativo, mas por ter com elle alguma semelhança, o pus neste lugar (ESTEVÃO, 1640, p. 34 v).

Na maioria dos casos Estêvão empenha-se na temática discursiva na parte da gramática “Syntaxis” (ESTEVÃO, 1640, p. 82 v, 83-83 v, 106-106 v). Esta amplificada compreensão da sintaxe, não típica da época estudada, parece manifestar que se traceja a compreensão mais alargada do objeto da descrição gramatical: começa a conceber-se a necessidade de incluir na descrição linguística não só a exposição do sistema linguístico (vários níveis dela), mas também funcionamento das unidades linguísticas na fala, adivinhando a compreensão

⁷ Estêvão vacila na escolha do termo.

da sintaxe como o nível do sistema gramatical no qual se forma a fala coerente, cuja unidade comunicativa é oração / enunciação.

Como vemos, as gramáticas de Figueira e Estêvão demonstram sensíveis modificações do cânone ligadas à atenção à problemática comunicativa funcional.

3. A problemática do discurso nas gramáticas estudadas

É impressionante a quantidade de meios discursivos, apresentados nas gramáticas de Figueira e Estêvão. O espectro desta temática nas suas obras é bastante vasto.

Os monumentos missionários refletem características importantes de dois registros comunicativos da fala, voluntivo e reativo, apresentam meios de reação verbal que manifestam força ilocutiva.

Presta-se uma grande atenção para a organização do discurso dialogal. Na gramática de Figueira achamos listas de marcadores de acordo, confirmação:

[Adverbios] Afirmativos. Pá, Sim do homem somente. Hêhê, Sim, da mulher, & tambem do homem. Anhê, l, Ayé, Anheraú, Assi he. <...> Anhereâ, l, anheracoreã, Dos homêš somente. Assi he. Anhereĩ, l, Anheracoreĩ, Das mulheres somente. Assi he. Emonâ, Emonaraca. Dessa maneira (FIGUEIRA, 1621, p. 72 v). Niã, he hũa confirmação do que se diz, ut Açoniã, Vado igitur (FIGUEIRA, 1621, p. 78),

bem como de discordo, desgosto:

[Adverbios] Negativos. Aân, Aâni <...>, Não. Aanireá, Dos homêš sos. Aani rĩ. Das mulheres. Naõ he assi. Eâm, l, Eámae, Naõ, das mulheres sos. Erima, Não. Absit. Aanangai, De nenhũa maneira, l, Aani. Aangatutenhê, De nenhũa maneira. Anheraupé, l, Manheraupê, He zõbaria (FIGUEIRA, 1621, p. 72 v). Angai, Negação, como dissemos, De nenhũa maneira. Ajuntase sempre com estoutra. Aâni, ut Aânangai, De nenhum modo: por nenhũa via. Ajûtase tambem a qualquer verbo negativo, ut Noçoangai, nunca elle foi, ou não foi ninguem. Naipotárangái, de nenhũa maneira quero (FIGUEIRA, 1621, p. 79 v).

Estêvão demonstra meios de exprimir acordo, confirmação, apresentando conjunção, interjeição como partes do discurso.

De athaua se uza tambem quando alguê vay dizendo algũa couza & o que ouve replica, & tornando lhe a dar rezaõ que lhe contenta ou conversa, dis o que ouvia

he athauã, que quer dizer isso si, deste modo si. <...> A aspiração hu, interdentales de quem vay confirmando, & assentindo ao que se lhe vay dizendo (ESTE-VÃO, 1640, p. 76-77).

Na parte da *Syntaxis* o gramático dá réplicas-reacções com o significado de discordo.

o que esta ouvindo a outrẽ algũa couza de ã não gosta por ser ameassa, ou ronqua, ou quãdo lhe responde cõ algũ de sabor, diz itulenchí ma? any cai nã? tudo isto he o que tendes pera fazer, ou dizer, não tendes mais nada. (ESTE-VÃO, 1640, p. 83 v).

Vemos exemplos de marcadores do final da enunciação:

quando hũ vai contando algũa couza, acabando diz, itulenchí, anny cai nã, ou itulychi matu, ou itulochi paicu, ou itulichí qhabata, que vẽ formar o sentido da lingoagẽ tenho dito naõ tenho mais que dizer (ESTE-VÃO, 1640, p. 83-83 v),

meios de incitação de enunciado (acto locutivo), entre os quais orações interrogativas:

Tari pronunciado por sy so, depois de hũ ouvir algũa couza que outro vay dizendo lhe responde como faxemos no latim cõ ergo ut tari tuca quite dissara? pois vos que cuidaveis: do qual tari uzaõ tambem por sy so, quãdo algũa pessoa esta esperando por outra que foi saber de algũa couza, aquelle depois de chegar lhe dis o ã estava esperando tari? que he o mesmo que dizer: pois que temos? como passou? que vay por la? (ESTE-VÃO, 1640, p. 77-77 v).

O autor da gramática de canarim / concani dá exemplos de sinais de comunicação de retorno, ou seja, réplicas-interjeições que servem para manter o contacto: “Ou, he de quẽ responde, a quẽ o chamaõ, ã, de quẽ responde perguntando, por naõ ouvir, ou entender bem” (ESTE-VÃO, 1640, p. 77 v).

Os missionários apresentam marcadores de significados modais. Na gramática de Figueira expõem-se meios de provocar, permitir a acção, de exprimir a ordem, o pedido, a exigência:

[Adverbios] Incitativos. Sing. Nõi. Plur. Põi, I, Penõi. Hora fus, applicaivos. Keremé. Depressa fazei. Coritei, Depressa, çogo, Ainda agora. Nõibé, Outra vez tornai a fazer. Prohibitivos. Aujè, Aujeranhè, Basta já. Nanho, Nanhoranhè, Basta. Aani, Aaniã, Isso não. Aanumè. Naõ seja assi. Eteumé, Guarte não façás. Petemé

<...> plur. Não façais vos. Touneranhe, Esperemos mais <...>. Eitenheumo <...>, Pera que não aconteça. <...> Teinhe, Deixa isso; cessa de fazer. [Adverbios] Permissivos. Neĩ Aujebète, Seja embora. Yepê, Seja, mas de balde. Yepe aço, irei de balde. Teinhê, Deixao fazer (FIGUEIRA, 1621, p. 73-73 v),

ou, pelo contrário, de proibir a acção:

Notese que de duas maneiras mandamos a alguém que não faça algũa cousa polo Imperativo, Eimonhangume, não faças, ou pola segunda pessoa do presente do Indicativo, Nderemonhang-i; & este segundo modo tem força de ameaça, ou grande cautella, significãdo haver grande perigo na cousa que se proibe, ut Guarte, não faças; Nderemonháng-i. Nderári, guarte não cayas (FIGUEIRA, 1621, p. 50 v-51).

Estêvão descreve os meios de incentivar uma acção, de exprimir um pedido, mandato, permissão.

Quando se falla mandando com persuasão & rogos <...>, ut hie velle tumi amacã raqhuche: hea vagta he tuue hati dhãru che, esta vez aveis de tomar este negocio entre maõs (ESTEVÃO, 1640, 34 v). Quando na oraçaõ dizemos traxei outro vinho, ou agoa, ou qualquer couza semelhante, se mandamos trazer mais alem doutro ja trazido, ha se de uzar do adjectivo, anniyccu, i, a, & tambẽ de agallo, y, e, ou Choddu, i, a, & adicu, i, a, inda que anniyccu, i, a, serve tambe pera dizer trazei doutra casta, ou feiçaõ, ou tambẽ para mandar trazer quando se bebeo o vinho, ou agoa, ou acabou algũa outra couza, & se manda trazer de novo uzase de anniyccu, i, a (ESTEVÃO, 1640, p. 82 v).

O gramático apresenta meios da apreciação negativa da atividade do interlocutor, que servem para provocar a recusa da ação. A explicação do emprego de uma “aspiração” usada com estes fins é acompanhada de amostra de meios articulatórios ou não verbais de exprimir a atitude negativa.

Esta aspiração ha se repete, duas, ou tres vezes juntas com ãmpito, contra aquelle que quer dar noutrẽ, ou fazer algũa couza mal feita, como reprehimento, & estranhandolhe o mal que quer fazer pera q̃ o naõ faça. A mesma aspiração, hũ, tambẽ entre dentes serve as vezes pera mostrar afastamento, & aborrecimento dalgũa couza que se lhe diz, ou faz (ESTEVÃO, 1640, p. 77). tari repetido se uza per modo de ronqua; quando hũ vay porfiando, & outro refutando, aquelle que parece vay de vencida, diz no cabo, com impeto tari, tari, q̃ he o mesmo q̃ dizer, vos que cuidaveis, que vos parecia? (ESTEVÃO, 1640, p. 106-106 v).

Os missionários indicam meios de expressividade. Figueira escreve dos formantes que dão “energia a algũas palavras” e da reduplicação.

A, com til, ã, da ènergia a algũas palavras: ut Açoã, Eisme vou. Aãniã, Aãriã, isso não. Guarda. <...> Aúb, significa defeito, ou má vontade na acção. Açoaub, vou, mas de má vontade. Acepiacäub, desejo ver, tenho saudades de alguém. <...> E se o verbo atraz se repete, tem mais força: ut Aço açoaub, folgo que vou <...> ¶ Quando se repete a dição, significa grande desejo. Açoauaub, vou com grande desejo, & pressa. <...> Çoer, Ndoer, Xoer. <...> significaõ a mesma frequencia na acção dalgũa pessoa. <...> A estas se ajunta tambem às vezes Ya, ou Yabi, & significação com muito mais efficacia, ut Denhemoyrondoeriabi, Sois mui pichoso e rabugento. ¶ Tambem Amanoçuer, quasi que ouvera de morrer. Aaríxuer, ouvera de cair quasi (FIGUEIRA, 1621, p. 74 v-76).

Estêvão aponta a reduplicação de pronomes como um instrumentos de expressividade.

uzaõ de dous Dativos que tẽ a mesma significação de hu, mas so tẽ mais algũ en-carecimento, & efficacia no dizer, ut maca Padrica tu dy nãssi, ou maca Bapacatu many nãssi, naõ fazeis cazo de mi que sou vosso pay (ESTÊVÃO, 1640, p. 23).

Atribui o papel da expressividade à ênfase, à partícula che e à “letra” ã.

A partícula ,che, se acrescenta ao cabo de algũa dição pera mayor emphasis, ut yecuchi huso naõ mais, cainchi nã, nada nada, fadha vlaitachi assa, naõ faz senaõ falar. <...> Esta letra ,ã, se acrescenta aos nomes, & pronomes, & segnifica nos affirmativos tambem, & nos negativos nẽ, ut Pedrui. Pedro tambem. A miã, nos tambẽ. Tucay. A ty tambem. Em negativo, yecui nã, nem hũ so; & por que esta partícula tem algũa semelhança de, chi, easse de ter tento, ã naõ se troquem por que se muda o sentido; por que, yecuchi nã, quer dizer naõ ouve so .B. ouve mais que hũ, & yecui nã, quer dizer que nẽ hũ so ouve (ESTÊVÃO, 1640, 106 v-107).

O gramático escreve sobre o emprego de diminutivos e da reduplicação deles nesta função.

Ha nesta lingua deminutivos que se fazẽ de algũs adjectivos aos quaes redobrando as primeiras duas syllabas ficaõ diminutivos, ut dhaculo, y, ã, quer dizer couza piquena, & dakhu dhakuhlo, y, ã, quer dizer couza pequenina, tanulo, y, ã, quer dizer couza tenra de crianças, Tanutanulo, y, ã, quer dizer couza muito tenrinha, idulo, y, ã, quer dizer couza pequenina, iduidulo , y, ã, quer dizer couza muyto pequenina [ESTÊVÃO, 1640, p. 81 v].

Os missionários expõem marcadores que mostram a atitude (apreciação positiva e negativa) para com o interlocutor ou para com o tema de comunicação.

[Adverbios] Laudativos. Ycatú <...>, Muito bem. Matuetê <...> Està muy bẽ feito. Yâ, Yamurû, Folgo que lhe aconceceo mal. Aeboê, Mui a proposito. <...> Naetê <...> Grandemente (FIGUEIRA, 1621, p. 73 v-74).
tambem por desprezo, & fanfaronia [se uza quito, y, e], diz hũ ao outro, a que despreza, tu quito vlauunca, & que sois vos pera falar (ESTEVIÃO, 1640, p. 82 v-83).

As gramáticas missionárias demonstram meios de características sociais dos participantes da comunicação.

Anchieta descreve, de acordo com as relações familiares e sociais dos comunicantes, variação do uso dos possessivos nas frases apelativas.

Algũs outros nomes ha que <...> tem subintellecto o adjectivo meus em todos os casos, ut Ai, minha mãy. O macho chama à irmã peĩ, guaupira, minha irmã, e a minha sobrinha itô, titô, guaitô <...>, a irmã ao irmão, aĩ, guaitã <...>, o pai e mãi ao filho macho piã <...> Todos os mais maxime vocando nunca se poem sem o adjectivo meus, noster expresso, ut pai, mestre, tio, mãy, &c. xèrũb, xemboeçára, xètutir, xecĩg, &c. <...> O senhor, o pay, o mestre, &c. fas, dizem, Acêjára, o senhor de homem, & não jára somente, senão quando de si mesmo são absolutos. <...> Isto ha lugar onde é como possessio rei, ut patet exemplis: meu senhor, meu mestre; porque onde isto não ha, absolute se poem como o ladrão, mondã, o mao, Angaipába, o fugidor, Canbêbóra (ANCHIETA, 1595, p. 14 v-15).

Figueira exhibe meios de refletir o gênero dos comunicantes. Indicam formas admissíveis na fala de homens ou de mulheres, bem como formas não marcadas.

Todos os mais vocativos <...> se denotã com esta particula Gui, I, Gue, que he o mesmo, que O, no Portugues; <...> Xerubgué. As molheres porêm em lugar de Guĩ, ou Gué, dizem Iú, ou Ió, Xe cyg jú, ò minha mãy (FIGUEIRA, 1621, p. 6). [Adverbios] Affirmativos. Pá, Sim do homem somente. Hêhê, Sim, da molher, & tambem do homem. Anhê, I, Aié, Anheraú, Assi he. <...> Anhereã, I, Anheracoreã, Dos homêes somente. Assi he. Anhereĩ, I, Anheracoreĩ, Das molheres somente. Assi he. Emonã, Emonàracó. Dessa maneira. [Adverbios] negativos. Aàn, Aàni <...>, Não. Aáinreá, Dos homêes sos. Aáni ri. Das molheres. Naõ he assi. Eám, I, Eámae, Naõ, das molheres sós. Erima, Não. Absit. <...> De algũas dições, que sos per si naõ significão <...> Cá) Dos homêes somente. Quig) das molheres sómente. Estas duas syllabas denotã resoluçãõ, ou determinaçãõ de fazer algũa cousa.

Acò ca, Querome ir. Commumente se lhe ajunta dantes, Ne, ou Pe. Açone ca, Açopecâ, diz o homem; Açonequig, diz a molher (FIGUEIRA, 1621, p. 72-75 v).

Estêvão demonstra a variação do uso de partículas vocativas, ou interjeições, dependente da posição social de comunicantes.

Nõ: seja junta aos vocat. do Pl., ut Mannussano, o homẽs. Gheddeano. o mininos. Taõbẽ se ajũta ao vocat. sing. por causa de honra: como sennaino; sõr mestre. Padrino sõr Padre. <...> re, senaõ are <...> serve tambẽ particula de Reprẽder, ou mostra sentimento ou agastamento <...>. Quando referimos pessoas mui graves, & autorizadas na oraçaõ uzamos de hũa particula, sri, ut sry IESU suami o senhor IESU. Aho serve pera quando falamos cõ gente muyto grave, & se acrescenta ao ga, aho, ga, suamino, tambẽ pera muita mais honra, & gente mais grave, se acrescenta ao, ga alem do aho, hũa particula, zi, a qual se poẽ as vezes cõ ga, & as vezes se elle, ut aho zi suamia, ola meu senhor <...>. A gente baixa, em lugar de todas estas interjeições de chamar uzaõ entre sy pera chamar da particula, ou letra, o, ut o Francisca o Francisco (ESTÊVÃO, 1640, p. 16-16 v).

A temática comunicativa presente na gramática da língua portuguesa como estrangeira⁸ de B. Pereira é mais escassa do que nas obras de Figueira e Estêvão, mas esse monumento também comprova que na linguística da época se forma o entendimento da importância dos assuntos do discurso. Explicitando a necessidade de criar a gramática de português para estrangeiros B. Pereira tem em consideração o ensino prático da língua com os fins de comunicar em várias situações relacionadas com a catequização de habitantes das terras descobertas ou com o comércio.

Eo, quo semper exarsi meæ nationes amore dolebam vehementer quòd cum omnes ferè Europæ nationis habuerunt dictionaria satis locupletia, sola natio Lusitana, quæ nulli sive literarum, sive armorum exercitiis fecunda est, proindeque nostra lingua quæ fanè vocabulorum opulentissima est, non sine decore inops reputaretur. Cùm verò in me patriæ amor, <...> quiescere, haberéque commercium cum omni natione quæ sub coelo est, <...> vehementèr dolui carere Lusitanos arte, qua suam linguam exteris addiscendam proponant. <...> ex facilitate addiscendæ nostræ linguæ, ut exteri, sive mercatores suis opibus nos ditent, & nostris ditentur, sive concionatores pervadant usque ad fines Orbis, seu Lusitani imperij, ubi nationes barbaras veris Evangelij divitiis locupletent (PEREIRA, 1672, p. ã6-ã6v).

⁸ É por isso que a gramática, escrita em latim, tem alguns elementos da gramática comparada (entre português e latim, às vezes, entre português e italiano).

A comparação de três monumentos – a gramática de português para estrangeiros, escrita em latim e criada para ensinar a comunicar, de B. Pereira; a gramática portuguesa escrita para louvar e fixar o vernáculo, destinada predominantemente a portugueses, de Barros; o *Methodo grammatical para todas as linguas*, gramática escolar que descreve paralelamente duas línguas, predestinada para o ensino do latim, de Roboredo – revela certas diferenças destas obras determinadas por diferentes atitudes dos seus autores à problemática pragmático-discursiva. B. Pereira, que segue a classificação tradicional de advérbios, próxima à classificação de Barros, dá muito maior número de exemplos portugueses. Enquanto Barros exemplifica 2 advérbios de afirmar (*certo, sy*) e 2 de negar (*nam, nem*), Pereira explana 8 (*Assim he, Sim, Aozadas, Certamente, De veras, na verdade, Convem a saber, verdadeyramente*) e 9 (*Nam, ainda nam, De nenhum modo, Em nenhuma maneyra, Nomays, Nada menos, Nada, Tampouco, Nunca jamays*), respetivamente.

Roboredo, como sublinham C. Assunção e G. Fernandes (ASSUNÇÃO, FERNANDES, 2007, p. LXXIII), não acha necessário, com poucas exceções, exibir análogos portugueses de advérbios latinos: “advérbios de acção exterior” e “advérbios de acção e paixão”⁹ usadas para perguntar, responder, afirmar, negar, mostrar, duvidar (ROBOREDO, 1619, p. 194-196). B. Pereira, pelo contrário, expõe um grande número de advérbios, pronomes, interjeições e várias construções¹⁰ que se usam em português nas funções indicadas, acompanhando-os com os análogos latinos. Este facto comprova que o autor da gramática do português como língua estrangeira reconhece a importância da temática comunicativa.

Sunt & alia adverbiorum genera quibus indicamus nostros affectus, & significamus varias actiones, v.g. adverbia optandi *Ose! Osi! Oxala!* utinam, *o quem me dera!* O utinam. *Praz a Deos*, velit Deus, placeat Deo! Affirmandi: *Assim he* sic res se habit, *Sim* ita, etiam, *Aozadas* maximè, *Certamente* certè, *De veras, ou na verdade* quidem, *Convem a saber* scilicet, *verdeyramente* sane, profecto. Adverbia negandi sunt *Nam* non, *ainda nam* nondum, *De nenhum modo* nullo modo, *Em nenhuma maneyra* Nequaquam, *Nomays* Non amplius, *Nada menos* nihil minus, *Nada* nihil, *Tampouco* haud, *Nunca jamays* haudquaquam <...> Adverbia demonstrandi *Exaqui* ecce, *Alem disto* insuper, *Vedes aqui* En, Ecce, *Finalmente* tandem, *Por derradeyro* denique, *Dali adiante* ex tunc, *Desque* ex quo, *Eylo aqui* Ecce. Adverbia dubitandi, *Por ventura* forsan, *A caso* forsitan,

⁹ Interjeições também estão incluídos nesta descrição.

¹⁰ Em conformidade com a tradição, Pereira atribui-os a advérbios.

Pode ser que fortassis, Quiça, ou Quiçays forte. Adverbia interrogandi, Como? quare, Porque rezam? Quid ita, A que proposito? Cur, Paraque? ad quid, Que? Quid. (PEREIRA, 1672, p. 178-180).

Ressaltando particularidades da etiqueta conversacional portuguesa, Pereira apresenta o funcionamento do sistema de pronomes e de substitutos pronominais que indicam o interlocutor – formas de tratamento: tu, vós, Vossa Merce, Senhor, Senhoria, Excellencia, Vossa Alteza, &c. (PEREIRA, 1672, p. 37-38).

Conclusão

As inovações socioculturais e sociolinguísticas da época dos Descobrimientos condicionaram a atenção a línguas vivas, tanto às especificidades dos seus sistemas, como ao seu funcionamento. Uma das importantes características da linguística da época é o fortalecimento da atenção à problemática da fala, à modalidade oral. É refletida em dois tipos de gramáticas: nas obras que fixam a norma de vernáculos e nas gramáticas que ensinam línguas estrangeiras (vivas).

Os autores das gramáticas dos séculos XVI e XVII, criadas para ensinar a comunicação exitosa em língua estrangeira, excedendo os limites da apresentação deste tema nas gramáticas desde a Antiguidade (principalmente na descrição de advérbios), tocam, no nível empírico, alguns aspectos importantíssimos da problemática funcional comunicativa (discursiva). Em primeiro lugar isso se realiza nas descrições de línguas “exóticas”, mas nota-se também na primeira gramática de português como língua estrangeira. Reunindo a atenção a semântica e pragmática a alguns aspectos da sintaxe (superando o nível da oração e subindo ao nível do diálogo), os gramáticos apresentam (no nível empírico, claro) uns aspectos básicos da teoria dos atos da fala: dum concreto ato da fala, realizado pelo falante numa concreta situação comunicativa, dirigido a um concreto destinatário, e do objetivo ilocutivo deste ato da fala. Nas obras de J. de Anchieta, L. Figueira, T. Estêvão e B. Pereira estão presentes meios de organização da fala dialogal, meios de expressividade, marcadores que mostram a atitude para com o interlocutor ou para com o tema de comunicação, meios de características sociais dos participantes da comunicação.

O paralelismo do interesse pela problemática do discurso entre os missionários e B. Pereira não é casual e explica-se pelos objetivos parecidos destas obras. São as gramáticas destinadas a ensinar uma língua estrangeira para assegurar aos seus destinatários o domínio de língua suficiente para a

comunicação exitosa em quaisquer situações reais. De um lado, isto difere as obras dos missionários e de Pereira das gramáticas que codificam o vernáculo e se destinam ao falante nativo que não precisa aprender os meios discursivos: ele domina-os perfeitamente. Do outro lado, as gramáticas das línguas “exóticas” e do português como língua estrangeira diferem dos manuais do latim: embora o estudo dele vise, naquela época, a possibilidade da comunicação oral, esta se realiza em poucas situações bastante estandardizadas que exigem um conhecimento de meios comunicativos limitados, típicos de poucos estilos funcionais. Só os autores das gramáticas que ensinam a contactar com vários grupos sociais, falar em situações comunicativas mais variadas, devem atender á temática do discurso.

A tarefa de ensinar a comunicação leva a sensíveis modificações do cânone da descrição gramatical nas obras missionárias.

É reconhecida pelos historiógrafos a pertinência das gramáticas missionárias para a formação das ideias da gramática universal e da tipologia. Mas, além disso, a significância das gramáticas destinadas ao ensino de falar línguas estrangeiras vivas, predominantemente dos monumentos da linguística missionária, consiste no início do trabalho prático na área da gramática funcional comunicativa. Os dois modos estão no âmbito das inovações da época anterior a Port-Royale, que é uma etapa crucial da consolidação da linguística como ciência madura. Isso determina o lugar das gramáticas analisadas na história do pensamento linguístico.

Referências bibliográficas

- ALTMAN, Cristina. A descrição das línguas ‘exóticas’ e a tarefa de escrever a história da linguística. In: Revista da ABRALIN, 10 (3), 2011, p. 209-230.
- ALTMAN, Cristina. As Gramáticas das ‘Línguas Gerais’ Sul-Americanas como um Capítulo da Historiografia da Linguística Ocidental. In: Actas del I Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística. Madrid: Arco Libros, 1997, p.151-160.
- ALTMAN, Cristina. As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII. In: Línguas gerais: política lingüística e catequese na América do Sul no período colonial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003, p. 57-83.
- ÁLVARES, Manuel. Emmanuelis Alvari [...] grammatica libri tres. Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1572.

- ANCHIETA, José de. *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do brasil* [...]. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595.
- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; FERNANDES, Gonçalo. Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didáctica das línguas e nos estudos linguísticos. Estudo introdutório. In: ROBOREDO, Amaro (1619). *Methodo grammatical para todas as linguas* (edição facsimilada). Edição: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Barbosa & Xavier, Lda. – Artes Graficas, 2007, p. XI-CII. (Coleção Linguística 1).
- BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa. Dialogo em louvor da nossa linguagem*. Olyssipone: Apud Lodovicum Rotorigiũ, 1540.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. In: DELTA, 21 (1), 2005, p. 121-147.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *O estudo das línguas exóticas no século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa & Ministério da Educação, 1983.
- ESTÊVÃO, Tomás. *Arte da lingoa Canarim* [...]. Rachol: Collegio de S. Ignacio da Companhia de Jesu, 1640.
- FERNANDES, Gonçalo. *A Ianua Linguarum dos Jesuítas Irlandeses* (Salamanca, 1611) e *a Porta de Línguas de Amaro de Roboredo* (Lisboa, 1623) In: *Boletim de Estudos Clássicos*. T. 42, 2004, p. 165-181.
- FERNANDES, Gonçalo. *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*. Tese de Doutoramento. Vila Real: UTAD, 2002.
- FERNANDES, Gonçalo. *As gramáticas do português de Fernão de Oliveira (1536) e de Bento Pereira (1672)*. In: *Confluência*, 33 e 34: *Revista do Instituto da Língua Portuguesa*, 2007, p. 127-141.
- FIGUEIRA, Luis. *Arte da lingua brasilica*. [...]. Lisboa: Manuel da Silva, (1621?).
- FIGUEIRA, Luis. *Arte de grammatica da lingua brasilica*. [...]. Lisboa: Miguel Deslandes, 1687.
- FONSECA, Maria do Céu. *Historiografia lingüística portuguesa e missionária. Proposições e Posposições no Século XVII*. Lisboa: Edições Colibri, 2006.
- GONÇALVES, Maria Filomena. *Treinta años de Historiografía Lingüística del português*. In: *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. León: Universidad de León, Dpto. de Filología Hispánica y Clásica. 2006, p. 732-753.

- HERNÁNDEZ, Carlos Sacristán. Los relatores discursivos en el Arte de la lengua mexicana de H. Carochi. In: Las gramáticas misioneras de tradición hispánica (siglos XVI-XVII). Bajo la dirección de Otto Swartjes. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 2000, p. 17-27.
- KOSSARIK, Marina A. A obra de Amaro de Roboredo. Questões de historiografia linguística portuguesa. In: ROBOREDO, Amaro de. *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Ed. de Marina A. Kossarik. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 7-63. (Filologia portuguesa).
- KOSSARIK, Marina A. Universalização de conceitos linguísticos como etapa da consolidação da ciência – contribuição dos filólogos portugueses. In: *Confluência*, 49: Instituto de Língua Portuguesa, 2015, p. 162-200.
- KOSSARIK, Marina. A tradição portuguesa no contexto da linguística europeia. In: HEAD, Brian F.; TEIXEIRA, José; LEMOS, Aida Sampaio; BARROS, Anabela Leal de; PEREIRA, António (orgs.). *História da Língua e História da Gramática*. Actas do Encontro. Braga: Universidade do Minho, 2002, p. 181-203. (Coleção Poliedro 11).
- KOSSARIK, Marina. Early Portuguese treatises and the case of scientific paradigms. Interparadigmatic periods and the two hyperparadigms in linguistic history. In: ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; FERNANDES, Gonçalo; KEMMLER, Rolf (eds.): *Tradition and Innovation in the History of Linguistics: Contributions from the 13th International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS XIII)*, Vila Real, 25–29 August 2014. Münster: Nodus Publikationen, 2016, p. 176-185.
- KOSSÁRIK, Marina. Monumentos Linguísticos Portugueses dos Séculos XVI e XVII. In: *Confluência*, 25 e 26: Instituto de Língua Portuguesa, 2003, p. 93-174.
- KOSSÁRIK, Marina. Questões de fala nas obras linguísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII. In: Veredas, *Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Revista de publicação anual, Nº 4, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2001, p. 295-320.
- LANCELOT, Claude, ARNAULD, Antoine. *Grammaire generale et raisonnée de Port-Royal [...]* Paris: Hachette, 1846.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germam Galhardo, 1536.
- PEREIRA, Bento. *Ars grammaticae pro lingua Lusitana addiscenda latino idiomate*. Lugduni: Laurentius Anisson, 1672.
- PEREIRA, Frutuoso. 1643. *Arte de grammatica latina [...]*. Lisboa: Lourenço de Anueres.

- PONCE DE LEÓN Romeo, Rogelio. Fuentes españolas en la primera gramática latina de Amaro de Roboredo. In: *Gramma-Temas 3: España y Portugal en la tradición gramatical*, León, ed. por Marina Maqueira; María Dolores Martínez Gavilán. León, España: Universidad de León, Centro de Estudios Metodológicos e Interdisciplinares, 2008, p. 239-265. (Colección Contextos 18).
- PONCE DE LEÓN Romeo, Rogelio. Gramaticografia e lexicografia em Portugal durante o século XVI: do Latim ao Português. *Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* 3, 2009, p. 45-65.
- PONCE DE LEÓN Romeo, Rogelio. La pedagogía del latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII: cuatro gramáticos lusitanos. In: *Cuadernos de filología clásica: Estudios latinos* 10, 1996, p. 217-228.
- PONCE DE LEÓN Romeo, Rogelio; ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; FERNANDES, Gonçalo. A Arte de Grammatica de Pedro Sánchez. Estudo introdutório. In: SÁNCHEZ, Pedro. *Arte de Grammatica, pera em breve saber latim* (edição facsimilada). Edição: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Barbosa & Xavier, Lda. – Artes Graficas, 2008, p. XI-XLIII. (Coleção Linguística 3).
- ROBOREDO, Amaro de. *Grammatica latina de Amaro de Roboredo mais breve e fácil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras [...]*. Lisboa: Antonio Alvares, 1625.
- ROBOREDO, Amaro de. *Methodo grammatical para todas as linguas [...]*. Lisboa: Pedro Graesbeeck, 1619.
- ROBOREDO, Amaro de. *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Ed. de Marina A. Kossarik. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 2002. (Filologia portuguesa).
- ROBOREDO, Amaro. *Methodo grammatical para todas as linguas* (edição facsimilada). Edição: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Barbosa & Xavier, Lda. – Artes Graficas, 2007. (Coleção Linguística 1).
- ROSA, Maria Carlota. Línguas bárbaras e peregrinas do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no estudo de línguas estrangeiras. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, 6.2, 1997, p. 97-149.
- SANCHEZ, Francisco. *Francisci Sanctii Brocensis [...]* Minerva: seu de causis linguae latinae. Salmanticae: Renaut, 1587.
- SANCHEZ, Francisco. *Verae breuesque grammatices latinae institutiones*. Salmanticae, 1595.

- SÁNCHEZ, Pedro. *Arte de Grammatica, pera em breve saber latim* (edição facsimilada). Edição: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Barbosa & Xavier, Lda. – Artes Graficas, 2008. (Coleção Linguística 3)
- SOUSA, Máximo de. *Institutiones tum lucide, tum compendiose, latinarum literarum, tradite dialogo [...]*. Coimbra: Caenobium Dive Crucis, 1535.
- SWIGGERS, Pierre. *Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle*. Presses Universitaires de France (PUF), 1997.
- TÁVORA, Francisco de. *Grammatica hebraea novissime <...>*. Conimbricae: Apud Ioanem Aluarum, 1566.
- WINKLER, Pierre. *The Birth of Functional Grammar in the 'Austronesian School' of Missionary Linguistics*. In: ZWARTJES, Otto; JAMES, Gregory; RIDRUEJO Alonso, Emilio (eds.). *Lingüística Misionera III*. Vol. 111: Morphology and Syntax. Selected papers from the Third and Fourth International Conferences on Missionary Linguistics, Hong Kong/Macau, 12-15 March 2005, Valladolid, 8-11 March 2006. John Benjamins Publishing, 2007, p. 329-344.
- ZWARTJES, Otto. *Portuguese missionary grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2011. (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science III; Studies in the history of the language sciences 117).
- ZWARTJES, Otto. *The description of the indigenous languages of Portuguese America by the jesuits during the colonial period: The impact of the Latin grammar of Manuel Álvares*. In: *Historiographia linguistica*, 29 (1-2), 2002, p. 19-70.
- ZWARTJES, Otto. *The Historiography of Missionary Linguistics. Present state and further research opportunities*. In: *Historiographia Linguistica XXXIX*, 2/3: John Benjamins Publishing, 2012, p. 185-242.
- ZWARTJES, Otto; ALTMAN, Cristina. *Missionary Linguistics II: Lingüística Misionera II. Orthography and Phonology*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- ZWARTJES, Otto; HOVDHAUGEN, Even (eds.). *Missionary linguistics I: Lingüística misionera I: selected papers from the First International Conference on Missionary Linguistics*. Oslo, 2003. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2004.
- ZWARTJES, Otto; JAMES, Gregory; RIDRUEJO Alonso, Emilio (eds.). *Lingüística Misionera III*. Vol. 111: Morphology and Syntax. Selected papers

from the Third and Fourth International Conferences on Missionary Linguistics, Hong Kong/Macau, 12-15 March 2005, Valladolid, 8-11 March 2006. John Benjamins Publishing, 2007.

КОСАРИК, Марина. К проблеме традиции и инновации в истории языкознания. Ренессансная и современная лингвистические парадигмы – связь эпох. In: Вестник МГУ. Серия 9. Филология 5, 1995, p. 104-116. [KOSSARIK, Marina. On the problem of tradition and innovation in the history of linguistic studies. Renaissance and contemporary linguistic paradigms: two epochs' bondage. In: Moscow State University Bulletin. Series 9. Philology 5, 1995, p. 104-116].

КОСАРИК, Марина. Описание языковой системы в ранних лингвистических памятниках Португалии. Т. I. Фонетика. Морфемика. Морфология именных частей речи. Москва: МАКС Пресс, 2013. [KOSSARIK, Marina. The description of language system in early Portuguese treatises on language. Vol. I. Phonetics. Morphemics. Morphology of Nominal Parts of Speech. Moscow: MAKS Press, 2013].

КОСАРИК, Марина. Социолингвистическая проблематика в ранних португальских сочинениях о языке. Москва: МАКС Пресс, 2013. [KOSSARIK, Marina. Renaissance Portuguese treatises on language: sociolinguistic aspects. Moscow: MAKS Press, 2013].

Recebido em 10 de junho de 2016.

Aceito em 30 de setembro de 2016.